

“Educar é ensinar a pensar”

Sara Pain

A psicopedagoga argentina condena a “transmissão mecânica dos conteúdos” e conta como trabalha para formar gente capaz de pesquisar e construir seu próprio conhecimento, condição indispensável para que as crianças pobres deixem de ser cidadãs de segunda classe

Argentina radicada há 15 anos na França, a professora Sara Pain é, aos 61 anos, uma das maiores autoridades mundiais em sua área. Psicopedagoga, ela se dedica desde a década de 50 a investigar prioritariamente as dificuldades de aprendizagem, que sempre atingem em maior grau as crianças de classes populares. Nos anos 60 e início dos 70, foi professora de Psicologia da Inteligência e da Educação na Universidade Nacional de Buenos Aires e Mar del Plata. Forçada a sair de seu país em 1977 pela ditadura militar (que vigorou na Argentina de 1976 a 1986), dirigiu até os anos 80 projetos sobre problemas da inteligência e aprendizagem, desenvolvidos pela Unesco, em vários países do Terceiro Mundo. No mesmo período, trabalhou como pesquisadora associada no Centro de Epistemologia Genética, coordenado por Jean Piaget em Genebra, na Suíça. E iniciou contatos com educadores brasileiros, tornando-se consultora científica de escolas e instituições de pesquisa do país, entre estas o Geempa (Grupo de Estudos sobre Educação e Metodologia de Pesquisa e Ação), de Porto Alegre (RS). A professora leciona atualmente em universidades francesas. Além disso, coordena um projeto de educação sistemática, voltado aos alunos das escolas públicas de Mar del Plata e da província de Córdoba, na Argentina. Esse projeto procura oferecer aos alunos a oportunidade de se tornarem autodidatas já na escola primária. Nesta entrevista, Sara Pain detalha os objetivos do projeto e discute algumas de suas idéias contundentes sobre o papel e a atuação do sistema de ensino público nos países latino-americanos.

Nova Escola

A senhora diz que apesar de alguns avanços, as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar continuam sendo a tônica nos sistemas de ensino público. Como isso se explica?

Sara Pain < Acredito que no Brasil, e em alguns países latino-americanos que conheço mais de perto, as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças não indicam que elas sejam menos capazes, mas se devem aos sistemas escolares, que continuam muito presos às técnicas de ensino e a uma transmissão mecânica dos conhecimentos já prontos e acabados. O resultado, todos sabemos, é o grande número de crianças reprovadas. Mas, mesmo que estas reprovações não acontecessem, a forma de transmissão dos conhecimentos já seria, como é, um grande problema. Porque ela resulta num aproveitamento

muito pequeno das muitas horas passadas na sala de aula. Na maioria dos casos, as crianças continuam entrando e saindo das escolas sem aprender a pensar. Mesmo aquelas que são aprovadas.

NE > O que precisa ser feito para mudar essa situação?

Sara Pain < Para termos o salto de qualidade que queremos, penso que deve haver uma alteração substantiva nos princípios e na organização dos sistemas de ensino. Estes devem ter como objetivo último oferecer condições para que todos os alunos sejam capazes de possuir autonomia frente ao conhecimento construído socialmente. Além disso, para que o suplício da evasão e da repetência deixe de ocorrer, principalmente nas classes menos favorecidas, o sistema precisa se organizar numa programação permanente, na qual a criança avance sempre. Mesmo que umas sigam mais rapidamente que outras.

NE > Esta programação que a senhora sugere está sendo aplicada na experiência que vem sendo desenvolvida na Argentina?

Sara Pain < Sim, ela se baseia nesta experiência, que é produto de quase duas décadas de pesquisas e estudos. Ela se iniciou na década de 70, com o trabalho desenvolvido em escolas situadas nos bairros mais pobres de Mar del Plata e da província de Córdoba. A meta de nosso grupo de trabalho era estabelecer uma prática de ensino que se antecipasse e prevenisse os problemas escolares dessas populações pauperizadas.

NE > E essa prática de ensino vem se mantendo nos mesmos moldes até hoje?

Sara Pain < Ela evoluiu bastante e sofreu algumas modificações no funcionamento, em decorrência das dificuldades impostas pela ditadura que se instalou em meu país, com o golpe militar de 1976. Muitos de nós fomos perseguidos mas algumas experiências passaram despercebidas pela ditadura e continuaram sendo tocadas. Com o fim da ditadura, em 1986, fui chamada pelo Ministério da Cultura para retomar a orientação do programa, agora numa forma mais ampliada. Nessa segunda fase, minha atuação não está mais ligada diretamente ao atendimento dos alunos, mas à orientação dos coordenadores e professores.

NE > A experiência propõe uma nova metodologia de ensino?

Sara Pain < Não se trata exatamente de uma nova metodologia, mas de um programa cuja meta é desenvolver um ensino sistemático e mais racional na escola primária, que na Argentina tem sete anos. O objetivo deste programa é dar às crianças das classes menos favorecidas condições de pensar por si mesmas e aprender. Quando digo que nossa meta é dar-lhes condições de exercer plenamente sua cidadania, é porque acredito que, hoje, elas crescem e são levadas a se posicionar na sociedade como cidadãs de segunda classe.

NE > Como a escola pode contribuir para que as crianças das classes populares se tornem cidadãs de primeira classe?

Sara Pain < Dando oportunidade a essas crianças de ter uma educação continuada. Dificilmente elas podem permanecer nas escolas após o curso primário, por razões sociais e econômicas bem conhecidas. O que propomos, então, é que pelo menos nesses anos de escolaridade essas crianças sejam instrumentadas para continuar, mais tarde, aprendendo por si, para que se tornem autodidatas. Queremos que elas tenham condições de se transformar em melhores leitores e escritores.

NE > O que significa para a senhora ser um leitor e escritor melhor?

Sara Pain < Significa ir muito além da simples alfabetização. A questão não é ensinar a ler e escrever para nada. A alfabetização não pode ser um fim mas um meio. O importante é ensinar a ler e a escrever para que a pessoa use esses instrumentos em sua vida cotidiana. E não só para ser um trabalhador mais completo, mas para viver melhor em todos os sentidos.

NE > Como é que os estudantes, já a partir do curso primário, podem se transformar em autodidatas?

Sara Pain < Os princípios desse tipo de educação são a racionalização e a construção do conhecimento. A partir da ação das crianças procuramos orientá-las no sentido da construção dos seus próprios conhecimentos, e de maneira a que possam dizer como chegaram a esse conhecimento. Na prática isto significa que nunca trabalhamos com conhecimentos prontos. Ao contrário, os alunos são estimulados a questionar, duvidar e perguntar sempre. O primeiro passo é que eles possam perguntar e saber como os sábios ou os cientistas chegaram a tal ou qual conhecimento, por que ele foi construído daquela maneira e a quais necessidades respondia ou responde. Nada deve ser apresentado como informação pura e simples, e sim acompanhado dos processos históricos que permitiram a sua construção, que envolveram várias pessoas.

NE > É uma programação centrada na história do conhecimento?

Sara Pain < Nosso interesse não é tanto com a história do conhecimento, mas com a maneira como esse conhecimento se faz e pode ser interpretado. Queremos que as crianças compreendam como trabalha um historiador, um engenheiro ou um físico. Normalmente, as escolas apresentam aos alunos umas tantas fórmulas físicas, por exemplo, que foram descobertas por este ou aquele pesquisador, e querem que todos memorizem os dados. Entendemos que essa memorização não serve de nada, pois mesmo que os conceitos ou fórmulas sejam importantes para a vida das pessoas, elas não terão condições e nem instrumentos para fazer as transferências necessárias. A informação perde o sentido, não se transforma em conhecimento. Nossa segunda preocupação é que as crianças estejam em sintonia com o mundo de hoje, tenham idéia dos avanços do conhecimento da ciência.

NE > E como isso é possível, sem que haja um empobrecimento do ensino?

Sara Pain < É um equívoco pensar que a escola sozinha pode dar conta de todo o conhecimento acumulado. Mesmo que as pessoas passassem a vida toda nos

bancos escolares isso não seria possível. A escola precisa fazer um recorte consciente do que considera fundamental e trabalhar para despertar, em seus alunos, a curiosidade e o prazer de aprender.

NE > A senhora acredita que estas são as condições para que as crianças possam também produzir conhecimento?

Sara Pain < Penso que este é o começo, um bom começo. Nosso propósito é que as crianças possam discutir quais são os problemas fundamentais da ciência hoje. Que elas saibam, por exemplo, qual a importância de podermos ver e medir o infinitamente pequeno e o imensamente grande. Ou, então, como a descoberta da teoria da relatividade mudou nossa percepção do universo.

NE > Esses procedimentos bastam para mudar a qualidade do ensino?

Sara Pain < Eles contribuem fortemente para isso, mas só funcionam, de fato, quando existe a vontade real de mudança. Pois requerem uma nova postura de todo o sistema de ensino, que parta do princípio de que as crianças têm o direito de aprender tudo isso. E de que para elas é muito mais interessante questionar, discutir, do que receber tudo mastigado. Além disso, tais procedimentos mudam a perspectiva do aprendizado, pois com eles o conhecimento ganha novo significado.

NE > Nesse programa as turmas de alunos são organizadas em classes ou séries, como nas escolas brasileiras?

Sara Pain < Nos primeiros anos de escolaridade as turmas são organizadas em classes, já que as crianças ainda não possuem autonomia de estudo ou pesquisa. Mas não existe a seriação, e sim unidades de trabalho. Além disso, é uma exigência do programa que essas classes iniciais tenham um número limitado de alunos. Assim, no primeiro ano elas são compostas por 20 alunos, no segundo não podem passar dos 25. E, no terceiro, chegam aos 30 alunos. Daí em diante, e até o sétimo ano, as classes podem crescer bem mais.

NE > As classes chegam a ter quantos alunos?

Sara Pain < Hoje temos algumas turmas de quinto e sexto anos com mais de 60 alunos. No sétimo ano, as turmas funcionam normalmente com centenas de alunos numa classe, pois aí o autodidatismo já está suficientemente sedimentado. Eles participam de conferências e discussões e partem para investigar e aprofundar os temas sozinhos, tendo atrás de si toda a orientação e os materiais necessários. Dessa forma, as verbas para o ensino são racionalizadas e podem ser mais bem distribuídas nas turmas iniciais.

NE > Como são feitas as avaliações e a promoção dos alunos no programa?

Sara Pain < Como nossa programação é baseada em unidades de trabalho, não há repetência. A criança começa a estudar uma unidade no início do ano e, no final, se não conseguiu completá-la, retoma no ano seguinte de onde parou. Isto também faz com que as verbas para o projeto possam ser repartidas mais

racionalmente. Não há necessidade de contratar professores novos para acompanhar repetentes.

NE > Qual é o papel do professor no programa de ensino?

Sara Pain < Ele atua como um educador, já que seu objetivo é ter alunos autônomos. Para nós, o educador é aquele que tem suporte para analisar a realidade e projetar sobre ela certos interesses que estimulam os alunos a querer conhecer mais. Ao contrário do que muita gente pensa, o ensino que parte da realidade da criança, do conhecimento que ela já tem, não é um ensino espontaneista, no qual o professor é só figurante.

NE > Para ser um educador, o professor precisa ter uma formação diferenciada?

Sara Pain < Ele precisa ser bem formado, ter uma bagagem sólida, como de resto todos os professores precisam. Aqueles que trabalham no programa, porém, passam por um treinamento, já que não podemos estimular a autonomia se nós próprios não sabemos bem o que é isso.

NE > Como é a prática desses professores na sala de aula?

Sara Pain < Tudo é uma questão de mudança de atitudes frente ao aluno e ao processo de ensino. Os professores devem exercer sua autonomia plena até para saber onde buscar os profissionais que dominam conhecimentos que eles não têm. Nós tivemos o caso de uma turma que estava trabalhando medidas e o professor sabia, por exemplo, calcular a altura de uma pessoa ou de uma montanha em relação ao nível do mar, mas não tinha idéia de como esse conceito fora construído. Para saber mais, procurou um geógrafo do Instituto de Cartografia, que lhe explicou detalhadamente todo o processo. E este foi reproduzido depois, na discussão com os alunos.

NE > Quantas turmas já completaram todo o ciclo da programação?

Sara Pain < Este ano estamos com a terceira geração de crianças completando todo o ciclo, que é organizado para ser percorrido em sete anos. Essas três gerações são uma prova contundente de que essa programação de ensino funciona e pode ser feita.

NE > E essa programação pode ser generalizada para toda a rede de ensino?

Sara Pain < Não acredito que o governo torne o programa nacional. Principalmente porque sua implantação, no início, é mais dispendiosa que a do sistema de ensino atual. Requer o treinamento e a atualização constante dos professores e necessita de escolas bem instaladas, com boas bibliotecas e laboratórios.

NE > Qual é a abrangência do programa hoje?

Sara Pain < Ele atinge cerca de um quarto das escolas da província de Córdoba e metade das escolas da periferia de Mar del Plata. Os responsáveis diretos pela programação hoje também não permitem sua expansão, até que existam mestres em condições de desempenhá-lo bem.

NE > E no Brasil, que trabalhos a senhora tem desenvolvido por aqui?

Sara Pain < Meu contato com o Brasil é antigo e muito produtivo. Oriento teses e projetos na área de Psicopedagogia e sou consultora de algumas escolas particulares. O trabalho mais antigo, porém, desenvolvo em Porto Alegre (RS), onde sou consultora científica do Geempa desde 1982. A equipe do Geempa me chamou para assessorar nas discussões dos problemas de aprendizagem e do fracasso escolar. Partindo do pressuposto de que o desejo de aprender é inerente ao ser humano, começamos a questionar a relação aluno-professor e chegamos à conclusão de que este não-aprendizado, seguido pela evasão e repetência, é, na maioria dos casos, resultado da atitude do próprio professor, que acredita nos “limites” da criança mais pobre.

NE > E quais as conseqüências tiradas destas conclusões?

Sara Pain < A primeira delas foi a de que era preciso desmitificar a pobreza, do ponto de vista antropológico e sociológico, junto aos professores. Nós acreditamos que a repetência e a evasão se reproduzem muito mais nessa faixa mais pobre porque os alunos desistem de aprender depois de vários anos de insucesso. Eles e suas famílias internalizam a idéia de que são incapazes mesmo.

NE > Muitas das propostas do Geempa foram estendidas à rede municipal de ensino de Porto Alegre durante os quatro anos em que a professora Esther Grossi foi secretária da Educação. A senhora acompanhou este trabalho?

Sara Pain < Acompanhei como observadora atenta e muito curiosa, pois achava que a equipe da Secretaria estaria enfrentando uma prova de fogo, levando-se em conta o acúmulo de tarefas, problemas e entraves que sempre existem em instituições como esta, normalmente de tendências burocráticas. Além disso, como esta seria a primeira vez que as idéias do construtivismo orientavam toda uma rede pública de ensino e atingiam milhares de crianças das classes populares ao mesmo tempo, estava bastante curiosa para ver a evolução do trabalho.

NE > E como a senhora avalia a experiência desenvolvida?

Sara Pain < Dentro das limitações, foi um trabalho extraordinário, feito com um ritmo e um entusiasmo elogiáveis. E acredito que isso se deve ao fato de que a equipe tinha, além de um método de ensino, convicções pedagógicas que davam coerência, fundamentação científica e seriedade a todas as ações implementadas. Nada que se fez foi feito gratuitamente. O mais importante para mim é que a experiência se orientou no sentido de permitir que as crianças pensassem sobre a própria construção da linguagem.

NE > Quais são, então, as limitações a que a senhora se refere?

Sara Pain < A única crítica que faço ao trabalho, e que já discuti muitas vezes com o pessoal do Geempa, pois ela se repete nas propostas do Grupo, é a de que ele ficou muito centrado na alfabetização. Isso é muito pouco ambicioso. Em nossos países não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade de ajudar as

crianças a ampliar sua autonomia e domínio das formas de conhecimento. O trabalho deveria ir muito mais além, envolvendo, pelo menos, toda a escola primária. Acredito que só assim ele ganharia solidez e a garantia de que essa alfabetização será realmente útil, possibilitando às crianças condições de que continuem trabalhando para criar textos, para criar conhecimento.

NE > E o que entrou o avanço do construtivismo para as outras séries?

Sara Pain < No caso da Secretaria da Educação de Porto Alegre acho que o esforço para a alfabetização, que era necessário, foi tão enorme que não deixou espaço e tempo para o segundo passo. Por outro lado, porém, há a questão do construtivismo, que, na minha opinião, não conseguiu desenvolver ainda uma visão de conjunto do processo de aprendizagem. Concentra forças na alfabetização do sujeito, mas não tem idéia do cidadão que quer ver formado no final da escola primária. Embora eu não negue que as idéias e ações do construtivismo têm desempenhado um papel dos mais importantes para diminuir, nos primeiros anos de escolaridade, o fracasso escolar em nossos países.

NE > Mas a senhora tem afirmado que o fracasso escolar, nos países latino-americanos, pode ser analisado por vários aspectos. Quais são eles?

Sara Pain < O que tenho repetido é que há pelo menos dois tipos de fracasso escolar. E um terceiro, que o próprio sistema de ensino contabiliza como fracasso, mas que, na minha opinião, é um êxito do ponto de vista do papel que este sistema cumpre em nossas sociedades. O raciocínio parece estranho, mas ele fica claro quando se leva em conta que uma das funções da escola é justamente a repetição do status quo da sociedade. Na minha opinião, se 50% dos estudantes das escolas públicas se perdem pelo caminho, são excluídos do sistema escolar ou saem dele com instrumentos muito fracos para seguir estudando é porque esta taxa atende às necessidades mínimas de reprodução do sistema.

NE > Que necessidades da sociedade são essas que levam a escola a expulsar tanta gente?

Sara Pain < Esses 50% serão a mão-de-obra barata da sociedade, que hoje é um pouco melhor do que aquela de épocas anteriores, porque a produção está mais exigente. Mas, mesmo assim, continuam sendo trabalhadores desqualificados, que não obtêm da escola os instrumentos para mudar a qualidade de sua vida. Para agravar, tais pessoas passam ainda por um processo de degradação cultural, ou de aculturação. A escola tira essas crianças da cultura oral, por exemplo, e não é capaz de lhes dar uma boa cultura letrada. Nesse sentido é que considero esse fracasso como intencional, como um êxito do sistema.

NE > E o que a senhora vê realmente como fracasso escolar na escola?

Sara Pain < O primeiro tipo é aquele fracasso das crianças, vindas de famílias pauperizadas, que não aprendem porque já chegam prejudicadas à escola. Seja porque não têm o vocabulário exigido por essa escola, ou não convivem com um

ambiente letrado em casa, ou ainda porque não possuem os materiais mais simples, como um caderno ou um lápis. O segundo tipo é o fracasso mais pontual, aquele das crianças que não se adaptam ao sistema escolar por problemas orgânicos, corporais ou emocionais. Este é que deve ser objeto de tratamento clínico da psicopedagogia.

NE > De que maneira a escola deve agir para evitar o chamado fracasso social?

Sara Pain < Penso que a escola deve trabalhar sempre para demonstrar que, apesar de tudo, estas crianças podem aprender tanto quanto as outras. Nesse aspecto, o professor cumpre um papel decisivo. Mas não podemos cair na armadilha de acreditar que a solução do fracasso social está nas mãos da escola ou do professor. Esta situação só será resolvida com a diminuição das desigualdades sociais e com uma distribuição de renda mais justa. Sem estas, o fracasso social pode ser solucionado aqui e ali, mas nunca erradicado.

Elvira de Oliveira

Para saber mais

Livros de Sara Pain publicados no Brasil:

- Psicopedagogia Operativa
- A Função da ignorância — Estruturas inconscientes do Pensamento
- A Função da Ignorância — A Gênese do inconsciente
- Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem
(todos editados pela Artes Médicas, de Porto Alegre, RS); e
- Psicometria Genética, Casa do Psicólogo, SP.